

## Introdução

Este trabalho se concentra na análise da obra de Capistrano de Abreu a partir da percepção de que nos textos redigidos pelo historiador cearense estão implícitas duas formações: a do Brasil como nação e a do próprio autor como praticante do ofício de historiador.

Desde logo, cumpre destacar que consideramos para fins da análise principalmente os textos redigidos por Capistrano a partir do início dos anos 1880, quando o cearense se decidira pela história como campo de atuação intelectual, até 1907, quando publicou os *Capítulos de História Colonial*. Ainda assim, trechos de sua correspondência não pertencentes ao período em foco foram citados por esclarecerem o pensamento do autor acerca do tema privilegiado neste trabalho.

O sonho de ver escrita a História do Brasil acompanhou boa parte das expectativas da vida de Capistrano de Abreu. Não é exagerado imaginar que a hipótese de ser ele o escritor daquela História alimentou em larga medida seus anseios existenciais. Que este sonho tenha se transformado num decidido projeto de vida, dá-nos testemunho o próprio historiador em sua correspondência. A urgência que se tornou para ele a tarefa de escrevê-la estava associada às suas convicções sobre os desenvolvimentos da História que testemunhava. A nação brasileira encontrava-se em pleno processo de formação, processo que se estendia desde o início da colonização até o seu próprio presente.

Um tempo de mudanças significativas na ordem social vigente como a abolição da escravidão e a proclamação da República. Reformas desejadas e exigidas por boa parte da geração a que Capistrano de Abreu pertencera. A inquietação em torno da sociedade que se formava no trópico era partilhada por diversos intelectuais seus contemporâneos. Os projetos de modernização e a aceleração da marcha da civilização, ao mesmo tempo que projetavam um futuro para a nação, tornavam inevitável a indagação acerca do passado desta mesma. É que este guarda o segredo de uma trajetória singular e específica que não deveria ser esquecida sob o peso do progresso da civilização.

Escrever a História do Brasil, para Capistrano, significava também provar a eficácia de um tipo específico de exercício intelectual. Escrevendo a partir dos anos finais do século XIX, o cearense tinha condições de exigir do praticante do ofício de historiador a obediência a um determinado tipo de procedimento que o distinguia de outros estudiosos. Assim, a própria formação de Capistrano de Abreu enquanto historiador moderno está implícita em seus textos e decorre do diálogo do autor com os desenvolvimentos da própria História da historiografia ocidental.

Quando escreve nos jornais e revistas cariocas na virada do século XIX para o XX, Capistrano partilha com seus contemporâneos o gosto de praticar um ofício. Mas não apenas isso. Por vezes, entrando em polêmica com outros autores, o historiador reafirma para si mesmo e para seus leitores a convicção de que o conhecimento da História tem, por assim dizer, uma condição privilegiada para desvendar o sentido da formação brasileira, identificando os elementos constituintes de uma nação.

A trajetória da nacionalidade, que pretende decifrar, confunde-se com a sua própria. Nascido a 23 de outubro de 1853 no sítio de Columinjuba, localidade próxima à cidade de Maranguape, no Ceará, Capistrano de Abreu conviveu, na propriedade rural de sua família, com escravos dos quais, segundo conta um de seus biógrafos, se aproximava e se afeiçoava, com eles conversando e aprendendo cantigas africanas.

A propriedade havia sido fundada pelo avô de Capistrano, João Honório de Abreu, famoso na região e conhecido pela austeridade de costumes e rigidez na educação dos filhos. A lembrança do avô talvez tenha lhe inspirado na descrição de traços da vida colonial no ambiente da Casa-Grande que faria anos mais tarde nos *Capítulos de História Colonial*, com o auxílio de relatos de viajantes como o inglês Henry Koster.

É conhecida a propensão de Capistrano, desde menino, para a leitura. De sua passagem pelo Colégio Ateneu Cearense, em Fortaleza, registrou Rodolfo Teófilo, seu contemporâneo:

“Quando entrei para o colégio, em 1865, já o encontrei. Ele era uma exceção entre nós. Sempre pelos cantos, isolado, mal-amanhado, desasseado, e lendo, sempre

lendo. Nunca tinha nota má nas lições, mas sempre era castigado por falta de asseio...O colégio ia, uma vez por semana, recrear-se à tarde no Morro do Coroaá...Chegávamos ao morro e cada um procurava exercitar os músculos em ginástica, em cambalhotas, em saltos mortais. Todos riam, agitavam-se, exceto o Capistrano que, isolado do bando, quase cego pela miopia, deitado de bruços na areia, absorto de todo na leitura, ficava até voltarmos ao colégio. Não raro acontecia, já nós em forma, ir o companheiro da fila acordar o leitor que, sem ver o que se passava, continuava a ler”<sup>1</sup>

Os biógrafos de Capistrano destacam a sua conduta indisciplinada, avessa ao ensino formal. Depois de passar pelo *Ateneu Cearense*, entre 1863 e 1865, o jovem foi matriculado em março de 1865 no *Seminário Episcopal de Fortaleza*, onde conheceu aquele que viria a ser o Padre Cícero. Entretanto, pouco tempo ali ficou. Já no segundo semestre de 1866, foi convidado a deixar o *Seminário*. Nos arquivos da instituição, há o seguinte comentário sobre Capistrano: “Em julho de 66, foi aconselhado ao sr. seu pai que o retirasse por algum tempo, a fim de o emendar da sua preguiça e vadiação”.<sup>2</sup>

Entre 1866 e 1869, viveu no sítio de Columinjuba entre pais e irmãos, onde se confirmaria inclinação de Capistrano à leitura, embora relegada à noite, pois durante o dia era chamado a trabalhar na roça ou na condução de bois. Nas horas de folga, banhava-se no açude ou passeava. “Pés descalços, busto nu, percorria em longas caminhadas as estradas, as veredas, os atalhos, varando o sítio em todas as direções. Às vezes, a sombra de uma árvore o atraía; deitava-se e lia, lia o quanto pudesse”.<sup>3</sup> Quem sabe começava aí, na inocente descoberta dos caminhos e atalhos de sua morada da infância e adolescência, a decifrar os caminhos antigos do povoamento do Brasil.

Pois nada mais importante do que os roteiros espaciais, o traçado das estradas utilizadas por antigos *conquistadores*, na identificação dos pontos de contigüidade territorial que Capistrano demonstraria na série de artigos publicados no *Jornal do Comércio* em 1899 e mais tarde reunidos pela Sociedade Capistrano de Abreu sob o título de *Caminhos antigos e povoamento do Brasil* numa coletânea homônima.

<sup>1</sup> Rodolfo Teófilo: “O Ateneu cearense”, Apud CÂMARA, J.A.S., *Capistrano de Abreu. Tentativa biobibliográfica*, p. 27.

<sup>2</sup> Ibid., p. 31.

<sup>3</sup> CÂMARA, J.A.S., Op.Cit., p. 34.

A dedicação aos livros manifestada pelo jovem Capistrano e a sua decidida rebeldia com relação à “labuta rural”, levaram o seu pai, Jerônimo Honório, a enviá-lo para o Recife, onde deveria preparar-se para o ingresso no curso de Direito. Mas Capistrano continuou a conduta pouco propensa ao ensino ordenado e controlado. Dos exames preparatórios, conta-se que não fez nenhum, passando os dias nas livrarias e as noites nas bibliotecas, sempre lendo. Reprovado num dos exames preparatórios, retornou ao Ceará em 1871, indo diretamente para a fazenda da família. Não chegou, portanto, a ingressar na Faculdade e nunca teve diploma superior.

Em Columinjuba voltou a viver o conflito entre os livros e a enxada, pois o pai, com a paciência esgotada pelos sucessivos fracassos escolares do primogênito, tentou reintegrá-lo ao trabalho agrícola. Até hoje, no Museu Histórico do Ceará se encontram uma pequena mesa, um castiçal e um velho cinzeiro de metal vindos de Columinjuba, vestígios daquela “luta silenciosa” travada por Capistrano.<sup>4</sup>

Entre 1871 e 1875, quando veio para o Rio de Janeiro, o futuro historiador morou na propriedade de sua família, mas freqüentando a cidade de Fortaleza. Nesta época se formou naquela cidade a Academia Francesa do Ceará, que reunia intelectuais cearenses que regressaram de sua passagem pela Faculdade de Direito do Recife: Araripe Júnior, formado em 1869, Tomás Pompeu e Xilderico de Faria em 1872, Domingos Olímpio em 1873 e Rocha Lima, que não chegou a se formar, reuniram-se e fundaram aquela instituição literária, a qual se juntou Capistrano de Abreu.

Como decorrência deste convívio intelectual, Capistrano publicaria seus primeiros trabalhos de crítica, os “perfis juvenis”, sobre os poetas Casemiro de Abreu e Junqueira Freire, mais tarde reunidos pela Sociedade Capistrano de Abreu na primeira série dos *Ensaio e Estudos*. Neles é visível a influência das leituras – de Spencer, Taine, Comte e Buckle - que sistematizou com o grupo de estudiosos da Academia Francesa. A conferência “A literatura brasileira contemporânea” pode ser vista também como resultado da vivência com aquele grupo. O claro propósito de estudar a literatura brasileira a partir de critérios cientificistas reaparece nesta conferência lida na Escola Popular do Ceará em dezembro de 1874.

---

<sup>4</sup> Ibid., p. 45.

O próprio Capistrano escreveria cerca de quatro anos mais tarde sobre aquela conjuntura: “Grande foi a influência da Escola Popular não só sobre as classes a que se destinava, como sobre a sociedade cearense em geral, por intermédio das conferências ali feitas, em que o ideal moderno era apregoado por pessoas altamente convencidas de sua excelência”<sup>5</sup>. O curto período entre 1871 e 1875 que passou entre a fazenda da família em Columinjuba e a convivência com os intelectuais cearenses seus contemporâneos em Fortaleza, foi a ocasião privilegiada para a eleição do “ideal moderno” como elemento constitutivo da identidade social da geração dos jovens nortistas que freqüentaram a Escola do Recife.

Deste período também é o encontro com o romancista José de Alencar, que viajou em 1874 para o Ceará, para cuidar da saúde. Do primeiro encontro entre os dois conta-se que Alencar descobrira por trás do “rústico sertanejo”, uma “inteligência de escol”<sup>6</sup>. O encontro foi decisivo para o futuro do jovem e entusiasmado leitor. Pois José de Alencar ficaria algum tempo no Ceará fazendo pesquisas sobre o folclore cearense. Nesta oportunidade contou com o auxílio de Capistrano, sobre quem escreveria o seguinte:

“Nas minhas pesquisas fui auxiliado por um jovem patricio meu, Sr. João Capistrano de Abreu, notável por seu talento, entre tantos que pululam na seiva exuberante desta nossa terra, que Deus fez mais rica de inteligência do que de ouro. Esse moço, que já é fácil e elegante escritor, aspira ao estágio da imprensa desta Corte. Creio eu que, além de granjear nele um prestante colaborador, teria o jornalismo fluminense a fortuna de franquear a um homem do futuro o caminho da glória, que lhe estão obstruindo acidentes mínimos”<sup>7</sup>

O estímulo de José de Alencar foi decisivo para a resolução de Capistrano de ir para o Rio de Janeiro, onde desembarcou a 25 de abril de 1875, treze dias depois de sair de Fortaleza a bordo do vapor Guará. Conta-se que conseguiu recursos para a viagem com a venda de um escravo de sua propriedade, herança deixada pelo avô.

<sup>5</sup> ABREU, J.C., “Raimundo Antônio da Rocha Lima” [1878] in *Ensaios e estudos*, 1ª série, p. 77.

<sup>6</sup> CÂMARA, J.A.S., *Capistrano de Abreu*, Op.Cit., p. 89. O autor recupera o seguinte depoimento de Rodolfo Teófilo: “Capistrano, sabendo da chegada do príncipe dos romancistas, veio visitá-lo. A impressão que teve o consagrado homem de letras e político, foi a que se pode ter de um caboclo matuto. Começaram a conversar e, no fim de alguns minutos, Alencar, com grande admiração, viu que ali não estava um simples sertanejo, porém um erudito!”, *ibid.*, p. 7.

<sup>7</sup> Apud CÂMARA, J.A.S., Op.Cit., p. 89.

Na Corte, Capistrano jamais abandonaria um hábito a que se acostumara na terra natal: o descanso e a leitura na rede. Mudando diversas vezes de residência no Rio de Janeiro, levava sempre consigo a rede cearense. “A rigor, seu verdadeiro lar eram os decímetros quadrados da rede inseparável, a insubstituível rede cearense que o acompanhava sempre”.<sup>8</sup> O próprio Capistrano escreveu em carta ao historiador português João Lúcio de Azevedo que fizera no Rio de Janeiro apenas duas aquisições: “saber do alemão o bastante para lê-lo na rede, sem estar me levantando a cada instante para recorrer ao dicionário; e através de Wappaeus, Peschel e Ratzel compreender que a geografia é tão bela ciência quanto difícil”.<sup>9</sup> Na mesma carta, Capistrano faz referência à primeira vez que teve a idéia de escrever a História do Brasil, quando ainda estava no Ceará. Quem sabe teve naquela ocasião por testemunha e cúmplice uma rede de sua preferência?

O primeiro trabalho remunerado de Capistrano na Corte foi um modesto posto na Livraria Garnier. Era encarregado de enviar notas sobre os livros editados pela livraria para a imprensa. No ano seguinte, em 1876, ingressou como professor de português e francês no Colégio Aquino, que ficava num espaçoso edifício de três andares na Rua do Lavradio. Ali ficou até 1880.

É possível que o necrológio de José de Alencar que escrevera em 1877<sup>10</sup>, publicado anonimamente na *Gazeta de Notícias*, tenha facilitado sua entrada para o corpo de redatores daquele jornal em setembro de 1879. Conta-se que na ocasião da morte de Alencar, Capistrano foi à redação da *Gazeta* e entregou ao diretor Ferreira de Araújo um texto sobre o romancista, tendo-se apresentado como cearense e admirador de Alencar:

“À noite, quando Machado [de Assis] encontrou-se com Ferreira de Araújo, este entregou-lhe para ler umas tiras de papel e disse: ‘Trouxe-me este trabalho um Peri de paletó surrado e cabelos em desalinho. Nada lhe posso dizer da cor dos olhos, porque durante os rápidos instantes que aqui permaneceu trouxe-os velados pela impenetrável cortina de umas pálpebras preguiçosas. Disse-me, apenas, que era cearense e admirador de José de Alencar. E deixou-me nas mãos, num gesto brusco, este pedaço de papel, com a respectiva residência. Um tipo original, originalíssimo,

<sup>8</sup> CÂMARA, J.A.S., Op.Cit., p. 141.

<sup>9</sup> Carta a João Lúcio de Azevedo [19/03/1917], in RODRIGUES, J.H. (org.), *Correspondência de Capistrano de Abreu*, Vol. 2, p. 38.

<sup>10</sup> ABREU, J.C., “José de Alencar” [13/12/1877], in *Ensaio e estudos*, 4ª série, pp. 42-5.

seu Machado'. Machado de Assis, depois de ler o artigo...disse apenas: é admirável. E rasgou, com calma, o que lhe fora encomendado por Ferreira de Araújo”<sup>11</sup>

Desde que chegara ao Rio de Janeiro, Capistrano acalentara o desejo de trabalhar na Biblioteca Nacional. A oportunidade veio com um concurso público em 1879, no qual ficou em primeiro lugar. Nomeado em agosto daquele ano, conseguira um emprego público estável. Data de seu ingresso para a Biblioteca o interesse crescente pelos estudos históricos. Foi a Biblioteca Nacional, mais do que o Instituto Histórico, o lugar em que Capistrano encontrou o meio que estimulou seu contato com a pesquisa histórica. No texto “O Brasil no século XVI. A armada de D. Nuno Manuel”, de 1880, revelava conhecimentos eruditos sobre a questão da descoberta do Rio da Prata e exercia talvez pela primeira vez a crítica histórica. Neste mesmo trabalho, o jovem cearense dirigia ao senador Cândido Mendes um pedido: publicar duas ânuas de José de Anchieta, ocasião que aproveitou para fazer uma crítica ao Instituto Histórico:

“se S. Ex.a não puder consegui-lo, ou porque as condições financeiras do Instituto o não permitem, ou porque é difícil imbuir de calor aquele meio inerte, atenda então a outro pedido. Faça que vão para a biblioteca do Instituto os volumes da série de Évora, que há 13 meses o redator chefe ou antes Capitão-mor da Revista detém em sua casa, como se sua casa fosse sucursal do Instituto, como se em questões de história Pátria ele pudesse passar de um simples carcereiro de livros”<sup>12</sup>

Na Biblioteca Nacional, Capistrano entrou em contato com um universo de documentos, códices e livros raros. Em 1881, ajudou a organizar a Exposição de História do Brasil. Sobre ela escreveria anos mais tarde que “vieram à luz suas [da Biblioteca] riquezas em impressos, manuscritos, mapas, estampas e moedas; instituições diversas, colecionadores particulares concorreram para o certame; pela primeira vez desenhou-se nítida a imensidade da empresa de descrever a terra

---

<sup>11</sup> FILHO, R.O., “A vida de Capistrano de Abreu” in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, vol. 221, out.-dez. 1953, p. 57.

<sup>12</sup> ABREU, J.C., *O Brasil no século XVI. A armada de D. Nuno Manuel*, Rio de Janeiro: Typografia da Gazeta de Notícias, 1880, p. 45.

brasileira e conhecer os feitos de seus filhos”.<sup>13</sup> Capistrano colaborou na elaboração do Catálogo da Exposição, o que o integrou em definitivo na pesquisa histórica.

É assim que no início da década de 1880, podemos localizar Capistrano de Abreu como historiador. O *Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen*, escrito em 1878, já deixara entrever alguém com a curiosidade e a energia voltadas para o estudo, a pesquisa e quem sabe, para a escrita da História do Brasil.

Por esse tempo os livros já tinham há muito vencido a enxada e Capistrano entrava pelos anos 80 como historiador em luta para afirmar um certo tipo de ofício e para ser reconhecido como praticante do mesmo. Ao lado desta, uma outra “luta surda” se iniciou no espírito de Capistrano. Ela se manifestou no duplo desejo de escrever a História do Brasil e de, com isso, superar Varnhagen, seu ilustre antecessor.

O concurso para o Colégio Pedro II, ocorrido em 1883, é um dos momentos mais significativos da biografia de Capistrano de Abreu. Não apenas porque dele resultou o *Descobrimento do Brasil e o seu desenvolvimento no século XVI*, mas principalmente porque se iniciava a consagração e o reconhecimento de seu autor como historiador por seus contemporâneos. Na ocasião do concurso podemos perceber com clareza Capistrano confirmando a opção pela historiografia que se anunciara poucos anos antes. Esta escolha marca a especificidade de sua atividade crítica. O historiador diferenciava-se, assim, do interesse predominante de seus contemporâneos pela crítica literária, na qual o próprio Capistrano havia se iniciado no início da década de 1870.

O crítico José Veríssimo que leu as teses de todos os concorrentes, considerou-as, com exceção da de Capistrano, “bons resumos do que estava em Varnhagen e em outras obras vulgares, sem nenhuma novidade, nem de investigação, nem de pensamento”. O trabalho de Capistrano destacara-se pelos “estudos próprios e pela originalidade”.<sup>14</sup> O jornalista alemão Karl von Koseritz, radicado em Porto Alegre fazia alguns anos, visitava o Rio de Janeiro na época em que ocorreu o concurso e registrou: “A tese de Capistrano, que trata com verdadeira maestria e

---

<sup>13</sup> ABREU, J.C., “Prefácio à história do Brasil de Frei Vicente do Salvador” [1918] in *Ensaio e estudos*, 2ª série, p. 112.

<sup>14</sup> Apud CÂMARA, J.A.S., Op.Cit., p. 108.



grande saber do descobrimento do Brasil e do seu desenvolvimento no século XVI, era sem dúvida a melhor, e tão excelente era que ia muito além dos horizontes dos dois limitadíssimos examinadores Moreira de Azevedo e Matoso Maia”.<sup>15</sup>

Poucos anos antes do concurso para o Colégio Pedro II, Capistrano criticara em artigos para a *Gazeta de Notícias*, a *História do Brasil* de Matoso Maia, compêndio adotado naquela instituição. Um dos problemas do livro, segundo Capistrano, era que ele “não mostrava o estudo das fontes”.<sup>16</sup> Sinal do desconhecimento por parte de seu autor das “fontes da História do Brasil”. Nesta polêmica que travara com o professor do Colégio Pedro II, demonstrara claramente sua concepção do ofício do historiador, que tinha como uma das dimensões o exame crítico da documentação.

Este tema, entre outros, é desenvolvido na primeira parte deste trabalho. A análise dos textos que Capistrano de Abreu escreveu sobre o visconde de Porto Seguro, a saber, o *Necrológio de Francisco Adolfo de Varnhagen* [1878] e *Sobre o visconde de Porto Seguro* [1882], bem como de sua correspondência com o português Lino de Assunção, nos permite afirmar que o cearense construiu para si mesmo uma auto-imagem como historiador moderno. À medida que o fazia, sinalizava também para seus contemporâneos um determinado proceder regulado por regras que definiriam uma concepção moderna do ofício.

Partindo sempre dos próprios textos de Capistrano, o que inclui sua correspondência, procuramos demonstrar que neles estão implícitas duas dimensões da concepção moderna da história: a crítica documental e o discernimento de um sentido para a experiência vivida pelos homens. Ambas podem ser percebidas através daquilo que denominamos, na parte I, de diálogo entre Capistrano e Varnhagen. Não apenas aí, como a crítica ao livro de Matoso Maia deixa entrever, o historiador cearense manifesta a necessidade do tratamento crítico das fontes, mas também a preocupação em elucidar um *enredo* da história Pátria: a formação da nacionalidade.

---

<sup>15</sup> KOSERITZ, K., *Imagens do Brasil*, p. 109.

<sup>16</sup> ABREU, J.C., “Livros e letras”, [29/07/1880] in *Ensaios e estudos*, 4ª série, p. 131.

Para desenvolver, na parte II deste trabalho, esta segunda dimensão da concepção moderna em Capistrano, que pode ser visualizada no *enredo* subentendido em sua narrativa, utilizamos sobretudo *Caminhos antigos e povoamento do Brasil* de 1899 e os *Capítulos de História Colonial*, publicado em 1907. Pois nestes dois textos de Capistrano, é onde se encontra sistematizada em parte sua concepção da História do Brasil. É preciso considerar também, neste momento, que o autor compreende sua contribuição como original a partir do confronto com autores que lhe antecederam, em especial Varnhagen. Portanto, consideramos que o diálogo com Varnhagen pode ser entendido como um longo e por vezes penoso processo de individuação por que passa Capistrano de Abreu para afirmar sua própria concepção da história Pátria.

O próprio autor a denominou de *história íntima*. Para explicitá-la, Capistrano adota dois procedimentos que procuramos demonstrar, também na parte II. Primeiro, a constituição de pontos de contigüidade territorial do Brasil. Nos *Capítulos*, a parte dedicada ao povoamento do sertão é a mais extensa. É também a mais significativa do ponto de vista da concepção de história do Brasil do autor. O capítulo “O sertão”, retoma e desenvolve idéias presentes em *Caminhos antigos*. Neste último, o historiador traça tanto os trajetos principais do povoamento do sertão como os pontos de encontro do mesmo. A relevância que adquire - neste momento de sua produção intelectual - a Geografia de procedência alemã não deve ser perdida de vista. O encontro do povoador com o território e suas conseqüências para a formação do espírito de um povo são preocupações do geógrafo alemão Friedrich Ratzel, uma das leituras que influenciaram o historiador cearense.

Sob o impacto da influência do meio físico e do encontro com os índios, formaram-se, ao longo do tempo e em diversas partes do território, diferentes “grupos etnográficos”, na expressão utilizada nos *Capítulos*. Associada a esta diversidade está o segundo procedimento adotado por Capistrano para desenvolver seu argumento: a demonstração de que ao longo do tempo, se deu a formação de um “sentimento nacional”, a superação do transoceanismo dos primeiros povoadores do Brasil e a sua lenta superação expressa na idéia de independência a partir de fins do século XVIII. É este sentimento que unifica a diversidade e procura responder a uma questão

subjacente a todo seu argumento: os diferentes grupos constituídos ao longo de três séculos de formação serão capazes de estabelecer uma nacionalidade?

Na percepção do entrecruzamento de duas formações – a do Brasil como nação e a de Capistrano de Abreu como historiador moderno – ambas implícitas no texto do historiador cearense, situa-se o eixo de leitura proposto neste trabalho.

O objetivo é, portanto, tentar demonstrar a existência de um duplo enredo na obra de Capistrano de Abreu. O de sua formação como historiador moderno e consciente de seu ofício e o da História do Brasil – tal como vista por ele – que tem como fio condutor a idéia da formação da nação ou do “sentimento nacional”. É preciso perceber que a justificativa para tal empreendimento – afinal por que escrever a História do Brasil se Varnhagen já o tinha feito? – é o entrelaçamento dos enredos mencionados. A convicção de que o “espírito nacional” ainda estava se formando quando Varnhagen escreveu, dá lugar à idéia de que no crepúsculo do século XIX é possível não só completar o empreendimento daquele estudioso, como ir além dele, ao discernir um sentido para a História do Brasil. Por outro lado, os desenvolvimentos da história como ciência no século XIX são acompanhados pelo cearense e figuram como ponto nevrálgico de sua justificativa para escrever a História do Brasil.

Para Capistrano a própria escrita da história parece ser uma condição de possibilidade para que a nação complete seu processo formativo. A autoconsciência da nacionalidade se faria sentir com mais força quando sua História estivesse escrita, identificando os momentos decisivos de uma trajetória singular. Para o período que vive, de plena concorrência entre impérios, a questão se torna urgente, pois havia a percepção de que por se viver o limiar do processo de formação da nacionalidade, o risco de dissolução também existia.

“Três séculos depois”, último capítulo dos *Capítulos*, termina em tom pessimista, com a fragilidade de “cinco grupos etnográficos” unidos pela língua, pela religião e pela antipatia ao reinol. O desenvolvimento do quarto século lhes garantiria um grau de maturidade que credenciasse a um lugar entre as demais nações civilizadas? Esta indagação informa, de alguma maneira, as preocupações do

historiador com o próprio tempo de que é testemunha. A fragilidade da unidade nacional, que sobrevivera à República, tinha outros desafios a vencer. É o que sugere a correspondência do historiador com o Barão do Rio Branco e outros contemporâneos, em que destacamos o tema da política externa como manifestação das inquietações do historiador, acerca do tipo de inserção do país no cenário internacional. A questão é desenvolvida na parte II do trabalho.

Na parte III, procuramos fazer Capistrano dialogar consigo próprio. Como o sonho de escrever a História do Brasil, que surgira ainda no Ceará se transformou ao longo do tempo? A partir da correspondência da época em que Capistrano redigia o texto que viria a se transformar nos *Capítulos*, procuramos reconstituir referências e planos nutridos pelo historiador para a redação da sua História do Brasil. Havia muito, o cearense era reconhecido como alguém capaz de estabelecer uma narrativa acerca da trajetória da nacionalidade. As expectativas de seus contemporâneos alimentavam seu próprio desejo de realizar a tarefa. A demonstração das circunstâncias em que foram escritos os *Capítulos* ajuda a percebê-lo como um texto que dialoga com outros elaborados antes ou durante o processo que culminaria na obra síntese.

O objetivo geral de mostrar a existência do duplo enredo na obra de Capistrano de Abreu se desdobra, portanto, em objetivos particulares. Primeiro, demonstrar a metodologia por ele utilizada no diálogo que trava com seus antecessores e contemporâneos (parte I). Segundo, referir às ferramentas teóricas – como a geografia e a sociologia – de que se utiliza para escrever sua história (parte II). Terceiro, fazer Capistrano dialogar consigo próprio, numa tentativa de ver como sua insatisfação em diferentes momentos de sua reflexão mostram um estudioso em constante formação. (parte III)

A essa altura o leitor pode estar se perguntando: mas por que Capistrano? O interesse em pesquisar a obra do historiador cearense relaciona-se com a minha passagem como estudante de graduação e pós-graduação no Departamento de História da PUC-Rio.

Em 1995, enquanto elaborava a monografia de bacharelado sobre o historiador carioca José Honório Rodrigues, participava ao mesmo tempo do projeto de pesquisa “Os descobridores. Mário de Andrade, Capistrano de Abreu e os descobrimentos do Brasil”, orientado pelos professores Ilmar Rohloff de Mattos e Margarida de Souza Neves. Embora na ocasião tenha sido um dos pesquisadores encarregados da obras do literato paulista, era inevitável o contato com Capistrano, pois tínhamos reuniões conjuntas.

Além disso, trabalhamos com hipóteses comuns, como a da possibilidade de atribuir valor heurístico à noção de “descobridores do Brasil”<sup>17</sup> aos dois intelectuais. Vale a pena recuperar o que se entendia por esta expressão a partir da diferença entre “fundação” e “descobrimento”:

“Enquanto o gesto fundacional aponta sempre para um mito de origem, definidor apriorístico de uma identidade, o ato de descobrir remete a uma certa lógica da aventura, presente na descoberta de 1500, e que renova-se a cada passo, porque cada descoberta é um novo começo, que projeta para o futuro as utopias de um povo e de uma nacionalidade. A aventura dos descobridores é, assim, a aventura da busca da nossa identidade”<sup>18</sup>

A diferença entre “descobridores” e “fundadores” tinha como desdobramento o fato de que para os primeiros, o gesto de inquirir o passado em busca de elementos definidores de uma especificidade implicava uma espécie de eterno recomeçar, ao passo que os “fundadores” aparecem como um mito de origem, sempre referido porque espécie de núcleo primordial de uma identidade previamente constituída.

José Honório escreveu que Capistrano de Abreu foi a consciência histórica mais lúcida que o Brasil já teve, que introduzira o povo na História do Brasil, entre outras realizações. A curiosidade que se manifestou a partir da leitura de José Honório e a participação num projeto que tinha o historiador cearense como um de seus objetos, marcaram aquela passagem.

Na pós-graduação (como aluno de mestrado), participei de seminário sobre Euclides da Cunha, curso ministrado pelo Prof. Luiz Costa Lima. Naquela ocasião,

---

<sup>17</sup> MATTOS, I.R. e NEVES, M.S., *Os descobridores. Mário de Andrade, Capistrano de Abreu e os “descobrimientos do Brasil”*, Projeto integrado de pesquisa, CNPq, 1994.

<sup>18</sup> *Ibid.*, p. 2.

com a atenção que Capistrano já despertara, pude constatar a semelhança de um movimento: tanto Euclides como o historiador cearense elegeram o sertão e o sertanejo como elementos constitutivos da nacionalidade. Em que pese as diferenças entre os autores, ambos olhavam para o sertão com alguma simpatia e pensavam na sua inclusão na cultura nacional. Nessa ocasião foi que comecei, de fato, a ler os textos de Capistrano para fazer um trabalho de fim de curso comparando o historiador a Euclides da Cunha. Este, em parte, foi aproveitado mais tarde como projeto de doutorado.

Estas motivações e curiosidades estiveram por trás da escolha de Capistrano como objeto de estudo. Mas não nos limitemos a isso. Daquelas leituras, ficara a impressão de que o autor cearense poderia ser considerado como uma ruptura com a historiografia antecedente, de base conservadora. De alguma forma, a hipótese de que Capistrano pudesse ser considerado como alternativa a Varnhagen foi considerada desde o início da pesquisa.

Depois das leituras e reflexões, podemos dizer que aquela percepção inicial só foi confirmada em parte. Ocorre que Capistrano, de fato, lutou consigo mesmo para se libertar da *História Geral*, obra daquele que considerou “o mestre, o guia, o senhor”. A percepção de que Capistrano formularia seu projeto intelectual – escrever a *História do Brasil – a partir de Varnhagen*, significava entender que havia muito de continuidade entre os dois.

Mas se o historiador com frequência partia de Varnhagen, não se pode negar que procurou, e podemos dizer que conseguiu, quebrar “os quadros de ferro” elaborados por seu antecessor. Em boa medida, o trabalho de pesquisa feito por Capistrano de Abreu, bem com as temáticas por ele tratadas, possibilitaram elaborações que viriam mais tarde. Entre os “filhos de Capistrano” estão Paulo Prado, Sérgio Buarque de Holanda e mesmo em alguns aspectos, Gilberto Freyre.

Ascultando a terra o historiador cearense, podemos dizer sem medo de exagerar, atua como “descobridor”, pois se continuava tradições de pesquisas históricas iniciadas antes dele, conseguiu inovar, não diríamos romper, e questionar a demasiada atenção que a historiografia anterior atribuía, por exemplo, à invasão

holandesa e à guerra dos mascates. Salvo estes acontecimentos, pouco ou nada se sabia sobre o século XVII no Brasil.

Se o “nó de nossa história”, como escreveu certa vez, estava na zona de povoamento entre o rio São Francisco e o Parnaíba, é porque o historiador valorizava acontecimentos até então pouco considerados pelos estudiosos. Perceber como e porquê Capistrano assim considerou a história Pátria implica, de nossa parte, reconhecer a historicidade da historiografia. Para o cearense, o que estava em discussão era a formação de uma nação no trópico.